

APOCALIPOPÓTESE: AS FORMAS DA ESPERANÇA E DO DESESPERO 60 ANOS DEPOIS DO GOLPE¹

APOCALYPOTHESIS: THE FORMS OF HOPE AND DESPERATION 60 YEARS AFTER THE COUP

APOCALIPOPÓTESIS: LAS FORMAS DE LA ESPERANZA Y DE LA DESESPERACIÓN 60 AÑOS DESPUÉS DEL GOLPE DE ESTADO

Edson Luiz André de Sousa²

Resumo: Este ensaio revisita a história dos 21 anos do golpe da ditadura militar, civil e empresarial no Brasil evocando algumas manifestações artísticas no campo das artes visuais e do cinema que deixaram registros vivos da violência de Estado e as consequências traumáticas na vida de muitas pessoas. Estas obras funcionam hoje como arquivos preciosos de memória. Abordo mais detidamente o trabalho proposto por Antonio Manuel e Hélio Oiticica realizado no Rio de Janeiro em julho de 1968 e que foi nomeado por eles de Apocalipopótese. Este artigo traz também uma extensa lista de filmes sobre o tema.

Palavras-chave: Ditadura militar. Violência de estado. Trauma. Artes visuais. Cinema.

Abstract: This essay revisits the 21-year history of the military, civil and corporate dictatorship in Brazil, evoking some artistic manifestations in the field of visual arts and cinema that left living records of state violence and the traumatic consequences in the lives of many people. These works function today as precious archives of memory. I take a closer look at the work proposed by Antonio Manuel and Hélio Oiticica in Rio de Janeiro in July 1968, which they named Apocalipopótese. This article also includes an extensive list of films on the subject.

Keywords: Military dictatorship. State violence. Trauma. Visual arts. Cinema.

Resumen: Este ensayo revisa los 21 años de historia de la dictadura militar, civil y empresarial en Brasil, recordando algunas manifestaciones artísticas en el campo de las artes visuales y del cine que dejaron registros vivos de la violencia estatal y de las consecuencias traumáticas en la vida de muchas personas. Estas obras funcionan hoy como preciosos archivos de la memoria. Abordo en detalle la obra propuesta por Antonio Manuel y Hélio Oiticica en Río de Janeiro en julio de 1968, a la que dieron el nombre de Apocalipopótese. Este artículo también incluye una extensa lista de películas sobre el tema.

Palabras clave: Dictadura militar. Violencia de estado. Trauma. Artes visuales. Cine.

¹ Este texto foi escrito com endereçamento para este número da *SIG Revista de Psicanálise* e para o *Correio da APPOA* (n.º 342 de maio de 2024).

² Psicanalista. Analista membro da APPOA. Doutorado e pós-doutorado pela Universidade de Paris VII. Doutorado na EHESS (École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris). Foi professor titular do Instituto de Psicologia da UFRGS. Autor, entre outros, dos livros: *Furos no futuro: psicanálise e utopia* (Artes & Ecos, 2022), *Imaginar o amanhã* (Diadorim, 2021) em coautoria com Abrão Slavutzky, *Freud: ciência, arte e política* (LP&M, 2009) em coautoria com Paulo Endo. Professor visitante na Deakin University (Melbourne), Instituto de Estudos Críticos (México), De Paul University (Chicago), University of Limerick (Irlanda). Coordena com Maíra Brum Rieck o Museu das Memórias (In)possíveis do Instituto APPOA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1634-230X>. E-mail: edsonlasousa@uol.com.br

“Eu, brasileiro, confesso
Minha culpa, meu pecado
Meu sonho desesperado
Meu bem guardado segredo
Minha aflição”
Torquato Neto
Marginalia II

Começo a escrever este texto às vésperas dos 60 anos do golpe militar, civil e empresarial de 1964 depois de ter assistido à estreia do filme de Pedro Lucas Isaias *Jango no Exílio: o documentário*. A pequena sala de cinema da Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre, nos transportou para este sempre “fora de lugar” que todo exílio produz. De alguma forma, ali estava em jogo, nas imagens e testemunhos que o filme nos ofereceu, um pensamento sobre o dever de memória desta ferida aberta na história do Brasil, mas sobretudo uma reflexão sobre como recuperar estes lugares perdidos. Os vapores da destruição de 1964 ainda pairam no ar e tantos acontecimentos recentes de nossa história mostram que ainda estamos mergulhados nos “sonhos desesperados” de um exílio em aberto. Por onde puxar este fio da história para tentar, mais uma vez, entender as arquiteturas da destruição que sofremos, e também para reinventar estratégias de resistência?

Pedro faz um filme apostando que a arte e a criação cumprem um papel fundamental na aposta de futuro porque têm um compromisso com a transmissão e registro destas histórias ainda engasgadas na garganta. Abrimos caminhos quando buscamos novas formas de linguagem. Mas as sombras do apagamento insistem quando Lula, uma das figuras mais importantes na história da luta democrática em nosso país, vetou um evento programado pelo Ministério dos Direitos Humanos. A atividade pretendia fazer um registro de memória deste trauma na história do Brasil, com o slogan “sem memória, não há futuro”. Em uma entrevista, Lula declarou que “o golpe de 1964 faz parte da história e que o povo já conquistou o direito de democratizar esse país. Eu, sinceramente, não vou ficar remoendo e vou tentar tocar esse país para frente” (BRASIL DE FATO, 2024). Mas onde mesmo fica a frente? Como seguir em frente se constatamos que as forças conservadoras que efetivaram o golpe de Estado ainda pulsam vorazes, ferozes e a maquinaria da violência e da tortura segue sendo moeda corrente no Brasil? Não seguiremos em frente se não abrirmos todos os arquivos para que possamos recuperar essas rasuras no texto da história. Talvez se já tivéssemos levado adiante o trabalho importante da Comissão Nacional da Verdade, implementado no governo de Dilma Rousseff, não teríamos eleito um Bolsonaro que, como deputado federal em 2016, celebra, em pleno Congresso Nacional, o torturador Carlos Alberto Brilhante Ustra. Outra cena chocante é a do último discurso da vereadora Marielle Franco na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro em 8 de março de 2018, celebrando o Dia Internacional da Mulher. Marielle falava na tribuna em defesa da luta das mulheres. Foi perturbador ver a trupe de homens engravatados alheios a seu discurso, um deles tamborilando com os dedos na mesa, indiferente às palavras vivas que ela compartilhava. A beleza de sua fala foi subitamente interrompida por alguém que grita no fundo da sala “Viva Ustra!”. Esta voz repugnante e criminosa reatualiza aquela outra manifestação no Congresso Nacional. Marielle responde à altura, indignada, subindo o tom de voz e silenciando completamente o plenário. Reagia assim a estes fascistas de plantão que estão sempre a postos para impor à força suas visões de mundo. Milhares deles estavam, como sabemos, naquele abominável 8 de janeiro de 2023 em Brasília, destruindo o que viam pela frente. Um pouco depois, mais uma vez, Marielle é interrompida enquanto falava, por um gesto cínico e provocador de um vereador que lhe entrega uma flor. Ela pega a flor, agradece e diz: “As rosas da resistência nascem no asfalto. Recebemos rosas, mas vamos estar com o punho cerrado falando de nossa existência contra os mandos e desmandos que afetam nossas vidas” (SOUSA, 2024). Esse foi seu último discurso. Seis dias depois foi brutalmente assassinada. Flores também morrem no asfalto. É nosso compromisso recolher estas vidas interrompidas e cuidar de sua memória, pois só assim teremos alguma chance de efetivamente irmos em frente.

Sabemos bem que um dos slogans da ditadura militar nos anos 70, aproveitando a efêmera conquista do tricampeonato mundial de futebol, foi “Pra frente Brasil!”. Este slogan faz referência a uma canção de Miguel Gustavo que foi escolhida pelo regime militar na campanha da seleção brasileira na época. Em 1982, Roberto Farias realiza um filme com este título mostrando os horrores da ditadura, ainda no poder quando do lançamento do filme. Um detalhe fundamental no cartaz do filme é que a palavra “Brasil”, em letras verdes, está escrita ao contrário. O filme foi censurado, mas devido à grande pressão da imprensa e da opinião pública, já em tempos de redemocratização, foi posteriormente liberado. O cinema produzido no Brasil continua sendo um grande arquivo aberto e certamente continuará contando as histórias que ainda precisamos ouvir. Deixo aqui como registro uma lista de filmes para revisitar de tempos em tempos:

- O desafio (1965), filme de Paulo César Saraceni
- A entrevista (1966), filme de Helena Solberg
- Pra frente Brasil (1982), filme de Roberto Farias
- Jango (1984), filme de Silvio Tendler
- Cabra marcado para morrer (1984), filme de Eduardo Coutinho
- Verdes anos (1984), filme de Giba Assis Brasil e Carlos Gerbase
- Que bom te ver viva (1989), filme de Lúcia Murat
- Lamarca (1994), filme de Sérgio Rezende
- O que é isso, companheiro? (1997), filme de Bruno Barreto
- Quatro dias em setembro (1997), filme de Bruno Barreto
- Ação entre amigos (1998), filme de Beto Brant
- Tempo de resistência (2003), filme de André Ristum
- Cabra-cega (2005), filme de Toni Venturi
- Sonhos e desejos (2006), filme de Marcelo Santiago
- O ano que meus pais saíram de férias (2006), filme de Cao Hamburger
- Zuzu Angel (2006), filme de Sérgio Rezende
- Batismo de sangue (2007), filme de Helvécio Rattón
- Diário de uma busca (2010), filme de Flávia Castro
- Setenta (2013), filme de Emília Silveira
- Em busca de Yara (2013), filme de Flavio Frederico
- O dia que durou 21 anos (2013), filme de Camilo Tavares
- Verdade 12.528 (2013), filme de Paula Sacchetta e Peu Robles
- Tatuagem (2013), filme de Hilton Lacerda
- Democracia em preto e branco (2014), filme de Pedro Asbeg
- A batalha da Maria Antônia (2014), filme de Renato Tapajós
- Mario Wallace Simonsen, entre a memória e a história (2015), filme de Ricardo Pinto e Silva
- Pastor Cláudio (2017), filme de Beth Formaggini
- Torre das donzelas (2018), filme de Susanna Lira
- Deslembro (2019), filme de Flávia Castro
- Marighella (2019), filme de Wagner Moura
- Giocondo Dias: ilustre clandestino (2019), filme de Vladimir Carvalho
- Tá rindo de quê? Humor e ditadura (2019), filme de Alê Braga, Álvaro Campos e Cláudio Manoel
- Ibiúna, primavera brasileira (2019), filme de Silvio Tendler

- Fico te devendo uma carta sobre o Brasil (2020), filme de Carol Benjamin
- Utopia distopia (2020), filme de Jorge Bodanzky
- Ana. Sem Título (2021), filme de Lúcia Murat
- Memória sufocada (2021), filme de Gabriel Di Giacomo
- Libelu: abaixo a ditadura (2021), filme de Diógenes Muniz
- Codinome Clemente (2021), filme de Isa Albuquerque
- Cadê Heleny? (2022), filme de Esther Vital
- O pastor e o guerrilheiro (2023), filme de José Eduardo Belmonte
- Jango no exílio, o documentário (2024), filme de Pedro Lucas Isaías

Farei aqui algumas breves anotações de uma história extensa de o quanto os artistas mantiveram vivo o espírito de revolta diante da violência nestes tempos de ditadura. Enfrentaram a censura, os riscos de serem presos, e muitos se exilaram. Entre eles: Hélio Oiticica, Lygia Clark, Rubens Gerchman, Glauber Rocha, Oscar Niemeyer, Zé Celso, Caio Fernando Abreu, Cacá Diegues, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Jards Macalé, Augusto Boal, Chico Buarque, Ferreira Gullar e Geraldo Vandré.

Nas artes visuais, muitos artistas reagiram à ditadura. Não foram poucas as obras censuradas e exposições fechadas. Para mencionar alguns exemplos, podemos lembrar do IV Salão Nacional de Arte Moderna de Brasília em 1967, onde agentes do DOPS retiraram da exposição trabalhos de Rubens Gerchman (*Um bilhão de dólares e só*), de Claudio Tozzi (*Guevara vivo ou morto*) e de José Roberto Aguilar (*Ele*). Um ano depois, em 1968, a II Bienal da Bahia no Convento da Lapa foi fechada, pessoas foram presas, obras apreendidas e algumas destruídas. Entre os artistas que participaram desta exposição estavam Antonio Manuel, Carlos Vergara, Humberto Espíndula e Evandro Teixeira. A obra de Antonio Manuel denunciava a violência policial contra as manifestações políticas na rua e tinha como título *Repressão outra vez: eis o saldo*. Neste trabalho, o artista imprimia em serigrafia, sobre um fundo vermelho, capas de jornais impressos com imagens da polícia agredindo manifestações populares. O detalhe interessante neste trabalho, peça importante no acervo artístico da época da ditadura, é que estas imagens estavam cobertas por um tecido preto. Caberia ao espectador se deparar com a imagem ao levantar a cortina. Assim, Antonio Manuel nos coloca em um lugar de responsabilidade diante da imagem, pois depende de um gesto do espectador. Este trabalho nunca foi devolvido ao artista, que soube depois que teria sido queimado. Outra obra emblemática nesta exposição foi uma fotografia de Evandro Teixeira, *Motociclista da FAB*, publicada originalmente na primeira página do *Jornal do Brasil* em 1965. Evandro registra o instante em que um soldado da aeronáutica cai de sua motocicleta na escolta que fazia da Rainha Elizabeth em sua visita ao Brasil. A fotografia, que não havia sido censurada no jornal, ao entrar em uma exposição de arte, adquiriu uma outra camada discursiva: a queda de um militar e uma motocicleta à deriva sem condutor.

Um dos eventos que marcaram época foi a ação artística realizada no Rio de Janeiro em julho de 1968, concebida e organizada por Hélio Oiticica e Rogério Duarte. Esta ação aconteceu no último dia da exposição "Arte no Aterro", que foi apresentada durante todo o mês de julho no Aterro do Flamengo. O título proposto por Oiticica e Duarte já nos coloca vários caminhos de reflexão: APOCALIPOPÓTESE. Esta palavra surge da fusão das palavras "apoteose", "hipótese" e "apocalipse". Como reagir ao clima de apocalipse e destruição daquele tempo se não acionando as forças rebeldes de invenção que a arte coloca em cena?

O filme *Apocalipopótese – guerra & paz* de Raymundo Amado, de 1968, documenta as ações artísticas que aconteceram naquele dia. O filme abre com imagens do aterro do Flamengo e com a música *Paisagem útil* de Caetano Veloso:

Olhos abertos ao vento
sobre o espaço do aterro
sobre o espaço sobre o mar...
(AMADO, 2022).

Era o momento de abrir os olhos. O público que ali estava pôde tocar com as mãos e o coração um pouco da história pela qual passava o Brasil. Uma das frases chama atenção na narrativa do filme: “Acabar com tudo que é ignóbil”. Antonio Manuel propôs o trabalho *Urnas quentes*. O artista construiu 20 caixas de madeira lacradas, e que precisavam ser arrebatadas para que o público pudesse ter acesso ao seu conteúdo. Antonio Manuel disponibilizou martelos, mas deixou livre para que cada um pudesse encontrar sua forma de abrir as urnas. A palavra “urna” aqui é fundamental no contexto político deste trabalho, pois remete tanto à urna eleitoral como à urna funerária. Dentro das caixas, o público encontrava textos referentes à situação política, recortes de jornais com imagens de violência da ditadura militar, denúncias diversas, poemas e algumas frases pintadas no fundo da caixa, entre elas: “Fome! Fome!”, “Retrato do Brasil”, “Viva as armas da guerrilha!”. No filme de Raymundo Amado, podemos ver muitas crianças se divertindo neste processo. De alguma forma, estavam ali quebrando as caixas para abrir futuros. Junto às urnas quentes, sambistas da Mangueira dançavam e cantavam vestidos com os parangolés de Hélio Oiticica. A presença viva do samba como revolta. Em um dos parangolés de Oiticica estava escrito “Incorporo a revolta”. Torquato Neto definiu este acontecimento de forma precisa e poética:

Cultura & Loucura & Sambistas & Samba & Mangueira & Cage passeando & Parangolés & Caeteles Velásia Parangolé 1968 & Outros & Esses cães fazem coisas do arco da velha & num domingo Apocalipopótese, apocalipopótese, hipopótamo hipótese louca cultura manifestações planos gerais no Aterro tropicália conhecimentos e transações variadas amores novos observação e desfile, levantamento como sempre do espólio, cultura, loucura (NETO, 1972).

Esta anotação de Torquato Neto evoca uma presença especial neste acontecimento, o músico John Cage que estava no Brasil, levado ao evento pela coreógrafa Maria Esther Stockler. Outro trabalho emblemático foi o de Rogério Duarte. Ele trouxe para o Aterro um adestrador de cães. A cena, que poderia ter ali um caráter lúdico e divertido, na verdade era uma metáfora da situação pela qual passava o Brasil: as vozes de comando de um adestrador impondo à força a obediência aos cães. Curiosamente, havia algo de premonitório nesta performance. No dia seguinte, o Rio de Janeiro foi palco de uma feroz repressão da polícia onde cães adestrados foram usados para perseguir os manifestantes. Tempos de muita turbulência e muitas manifestações de protestos na rua. É importante lembrar que, um pouco antes, no dia 26 de junho de 1968, aconteceu a Passeata dos Cem Mil no Rio de Janeiro, organizada pelo movimento estudantil.

A psicanálise nos desafia a revisitar os traumas que vivemos. Aposta nas novas narrativas que possam dar forma aos capítulos censurados de nossas histórias. Sabemos que não há outro caminho possível para abrir novos futuros que escapem à compulsão de repetição. A arte aciona este desafio de recriar outros domingos no parque na inspiração de apocalipopótese. Assim, quem sabe, poderemos reescrever estas páginas rasuradas. Novas frentes no campo da psicanálise têm se aberto para acolher estas narrativas traumáticas ainda muito vivas nos corações e mentes de muitas pessoas. Alguns projetos inovadores em instituições psicanalíticas abriram espaço para a escuta e registro destas narrativas. Pessoas afetadas pela violência de Estado puderam compartilhar os efeitos traumáticos que sofreram e ainda sofrem. Uma das experiências mais importantes nesta direção foi o projeto Clínica do Testemunho RS colocado em cena em sua primeira edição pela Sigmund Freud Associação Psicanalítica (SIG) e posteriormente também pela Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA). É importante ainda

sublinhar o trabalho do Museu das Memórias (In)possíveis da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), um museu virtual que tem se dedicado a acolher estes registros de memória.

REFERÊNCIAS

AMADO, Raymundo. Apocalipopótese, Guerra & Paz (1968, Raymundo Amado). *YouTube*, 24 set. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/uOpcazdla2g>. Acesso em: 18 jun. 2024.

MONCAU, Gabriela. 'Lula é incoerente com a questão da ditadura', diz historiador às vésperas dos 60 anos do golpe militar. *Brasil de Fato*, 21 mar. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/03/21/lula-e-incoerente-com-a-questao-da-ditadura-diz-historiador-as-vesperas-dos-60-anos-do-golpe-militar>. Acesso em: 31 mar. 2024.

NETO, Torquato. Espaço partido ao meio, meia oito. Rio de Janeiro, 4 de março de 1972. In: PIRES, Paulo Roberto (Org.). *Torquatália – Geléia Geral*: obra reunida de Torquato Neto (Vol. II). Rocco: Rio de Janeiro, 2003.

SOUSA, Edson. As utopias e a urgência de sonhar. *Revista Cult*, n. 302, p. 42, fev. 2024.